



DIABLO  
O Toque da  
Escureidão e  
da Luz

UM CONTO DE  
JONATHAN MABERRY

História

JONATHAN MABERRY

Editorial

ERIC GERØN

Consultoria de história

IAN LANDA-BEAVERS

Consultoria criativa

LEWIS HARRIS, VIVIANE  
KOSTY, JØE SHELÝ, DANIEL  
TANGUAY

Produzido por

BRIANNE MESSINA

Design por

CØREY PETERSCHMIDT

Ilustrações

YEUNJAE JANG

**BILZARD**  
ENTERTAINMENT

©2023 Blizzard Entertainment, Inc. Blizzard e o logotipo da Blizzard Entertainment são marcas comerciais ou marcas comerciais registradas da Blizzard Entertainment, Inc. nos Estados Unidos ou em outros países.

# O Toque da Escuridão e da Luz



**H**á histórias sobre ele. Sobre Klath-Ulna, chamado de O Dourado, embora em todas as histórias ele esteja banhado em carmesim, com o sangue de qualquer um que o enfrente.

Eu, Tejal, o vi em sonhos. Para os Ermos de Sharval, para o pequeno vilarejo de Chamado do Santo, ele veio.

Se você não ouviu falar desse lugar, então ouça, pois vou dizer o porquê. Acenda o fogo, tranque a porta, incline-se e ouça, pois mesmo agora, enquanto lembro dessa história, posso ouvir o toque de um sino sagrado pendurado em um campanário, o ponto mais alto do vilarejo. O sino foi trazido de Kurast para esse

vilarejo, e o povo se alegrou, pois o sino era abençoado pela Luz.

Foi isso que eles disseram. Mas os muito sábios sabem que talismãs raramente são escudos. Em vez disso, são símbolos de esperança. E no abismo entre fê e fato está nossa história. Vou contar a verdade — a verdade sombria — do que aconteceu quando Klath-Ulna veio em resposta ao chamado...



“Isso é o melhor que você consegue fazer?”

O jovem estava de pé, com a base aberta. O peso deslocado para as pontas dos pés, os joelhos dobrados e elásticos. Ele tinha uma espada curta de lâmina larga em uma mão e um pequeno broquel amarrado na outra mão e no pulso. O suor brilhava em seu peito e ombros nus e escorria em linhas por seu rosto.

“Achei que os queixadas eram destemidos”, ele provocou. “Me pegue se puder, e eu o mandarei para o inferno e...”

“É mesmo?” disse o velho que se apoiava no cabo da roda de treino. “Toda vez, Jenks? E desta vez, queixadas? O que, em nome de tudo que é mais sagrado, são queixadas? Você quis dizer *queixadas*? Porque não temos desses por aqui.”

“Vamos, Bikleman. Você não está fazendo direito.” Jenks se endireitou. “*Queixadas!* Você não ouve *nenhuma* música antiga?”

“O que é um queixada, então? Um ladrão com queixo grande? Um guerreiro que reclama?”

“Eles eram demônios de...”

“Não”, Bikleman interrompeu bruscamente. “Não vamos fazer isso. Você está velho demais para inventar coisas. Além disso, existem monstros *reais* suficientes no mundo para se preocupar com demônios.”

“Mas...”

“Mas nada”, rosou Bikleman. “Faz muito tempo que os demônios andavam por aí. Você corre o risco de conjurá-los com todo esse falatório sobre eles! Você tem que se concentrar em quem pode *realmente* lutar com você um dia.”

“O quê? *Pessoas*? Isso é tão chato.”

“Chato? *Chato*, não é?” gritou o velho, revirando os olhos e balançando a cabeça.

“Você diz a todos que quer ser um paladino, um soldado da Luz, um campeão da fé zakarumita. Você era muito doente quando criança para entrar em treinamento. E agora que está mais velho e em forma, pensei que poderia pelo menos *tentar* ser sério. Este é um treinamento importante, Jenks. Você está treinando para lutar contra soldados e bandidos, ladrões e salteadores. Essas são as verdadeiras ameaças e, se entrarem cavalcando pela cidade, você precisa estar pronto. Ou seria pedir demais?”

Jenks, que tinha dezessete anos e nunca havia se afastado da cidade além de Riacho do Balseiro, sentiu o rosto courar. “Eu *estou* falando sério.”

“Então aja como tal. Os demônios que você inventa ou os que pega emprestado de histórias de ninar não passam de distrações. Se usasse seu tempo para ler os pergaminhos de história, você entenderia. Um paladino precisa ser prático. Realista. As coisas que você deveria ler estão nos livros de aprendizado sagrado, mas suponho que você nem tenha *lido*.”

“Eu... li”, disse Jenks defensivamente. Então ele murmurou. “A maior parte.”

“Ahã.” O velho deu um empurrão repentino na roda de treinamento e os vários braços de madeira giraram com uma velocidade chocante.

Jenks foi pego desprevenido e teve que se agachar para escapar do grande braço superior, depois pular como um sapo sobre o varredor de tornozelo. Ele bateu no chão e rolou, levantando-se quando o braço do soco no estômago tentou acertar sua barriga. Mas Jenks desviou, curvando-se para trás como um dançarino. O braço menor, de serrote, deu a volta mais rápido que todos os outros, e Jenks o deteve com seu broquel e acertou o alvo do coração — uma almofada de lona cheia de palha. A espada cega de madeira atingiu em cheio, e Jenks irrompeu em um feroz sorriso de triunfo.

“*Ha!*” ele gritou. “E o demônio queixada está morto.”

Bikleman chutou uma das hastes retas que trespassavam a roda, e a ponta acolchoada atingiu Jenks bem nos genitais. O rapaz deu um grito alto e sibilante e caiu de joelhos, sua espada caindo na poeira. Ele segurou as partes, ficando com um tom de roxo chocante, caído de lado.

O velho mancou e parou sobre ele, sorrindo. “Aqueles javalis são feras traiçoeiras, não são, rapaz?”

Jenks tentou gritar com ele. Tentou amaldiçoá-lo até as profundezas do Inferno.

Tentou dizer que não doía nada. Tentou se levantar para provar que não estava ferido.

Em tudo isso, ele falhou.

Bikleman virou e cuspiu na direção do vento com grande precisão e velocidade, acertando o alvo do coração bem no centro.

“Bom treino, Jenks”, disse friamente. “Talvez amanhã você possa me mostrar como lutar contra um ouriço morto-vivo ou algo assim.”

Jenks rolou e vomitou.

O velho olhou para ele por um momento. “Você é um bom rapaz, Jenks. Mas você precisa ser um *homem* melhor. Você olha para mim e vê um velhote, mas eu já fui um paladino, como você bem sabe. Muito antes de você nascer, mas o tempo não bastou para me fazer esquecer de como é — nos músculos e nos ossos, no coração e na mente — cruzar lâminas com um soldado inimigo. Não um monstro, mas um guerreiro treinado em todas as artes mortais. Não há nada mais assustador, eu garanto, do que um guerreiro que tem habilidades e armadura, armas e coração e quer seu sangue em sua lâmina. *Eu* lembro disso de quando as Cruzadas Rakkis começaram. Não há uma noite em que não eu sonhe com o choque do aço e os gritos dos moribundos. Com os pés mergulhados até os tornozelos no sangue de minhas irmãs e meus irmãos. De meus amigos.” Ele balançou a cabeça. “As pessoas são monstros o suficiente quando a luxúria da batalha está sobre elas. Não precisamos inventar mais.”

Apesar das palavras, seu sorriso era gentil. “Te vejo no jantar.”

O velho se virou e mancou de volta para a cidade, assobiando um hino de batalha que ele e seus companheiros perdidos cantaram quando marcharam para a guerra.



Jenks acabou se levantando, mas depois se sentou novamente, de costas para a coluna central da roda de treinamento. Quando a enormidade da dor diminuiu, ele concentrou a mente nela, permitindo que fosse o que era. Dor. Agonia. Ele se forçou a aceitá-la como parte do preço para se tornar um guerreiro.

ELE ERA RÁPIDO, ÁGIL, HÁBIL  
COM ESPADA, LANÇA E ARCO.  
SÓ QUE NÃO HAVIA MAIS  
NINGUÉM PARA LUTAR.

Bikleman mancava porque havia levado uma lança no quadril. O velho Redharn, o ferreiro, tinha meia dúzia de cicatrizes de lâmina e flecha. E havia muitas outras. Metade dos homens e mulheres velhos, muitos dos quais foram soldados que lutaram guerras, cheios de propósitos sagrados. Como Redharn, eles vestiam as cicatrizes que ganharam em uma ou outra batalha, e nas noites de inverno eles entretinham seus amigos com histórias de bravura e combate.

E quanto aos lutadores mais jovens da cidade...

Bem, havia toda uma geração que nunca voltou para casa depois das cruzadas. Jenks conjurou histórias em sua mente de como eles caíram bravamente, lutando com dor, batalhando, mesmo enquanto seu sangue se esvaía. Todos heróis todos, ele tinha certeza disso.

Mas era especulação. Havia uma grande diferença de idade entre as pessoas da cidade. Uma geração inteira que se juntou para lutar nas Cruzadas. Desde aqueles apenas alguns anos mais novos que Bikleman até aqueles cerca de um ano mais velhos que Jenks. Todos eles se foram. Nenhum voltou. Nem mesmo os muito jovens — os outros rapazes e moças que deixaram a escola e o vilarejo para se tornar escudeiros, lanceiros juniores ou arqueiros aprendizes.

Todos se foram.

Todos mortos.

Suas histórias, infelizmente, são inéditas e desconhecidas. Fizeram canções sobre eles, algumas até cantadas na igreja, mas Jenks sabia que eram histórias falsas. Tão falsas quanto seus queixadas e goblins imaginários. A congregação cantava baladas escritas por familiares ou amigos dos mortos. Canções de coragem e valor para alegrar o coração e tornar as perdas suportáveis.

Jenks sabia que teria feito parte daquela companhia, mas quando menino era doente e fraco. No momento em que ele superou a própria guerra contra a fragilidade e a doença, as batalhas tinham terminado.

Agora, aos dezessete, Jenks ansiava pela guerra. Ele não adoeceu mais, e horas

intermináveis de treinamento, semana após semana e mês após mês, o fortaleceram. Ele era rápido, ágil, hábil com espada, lança e arco.

Só que não havia mais ninguém para lutar.

Sentado ali, ele chorou pela chance de ser um verdadeiro guerreiro, de ficar entre algum dano brutal e aqueles que amava. Era seu maior sonho, mas mesmo treinando dia e noite, ele sabia que era em vão.

“A guerra acabou”, disse ele a ninguém. “Talvez haja outra...”

Foi quando os gritos começaram.



Ele estava lá, na fronteira da cidade. Jenks agachou atrás do canto de um celeiro e olhou para ele.

Ele.

Era um homem, embora fosse diferente de qualquer outro que Jenks já tivesse visto. Ainda mais alto do que o Grande Gorf e mais musculoso do que Redharn, o ferreiro. Era como ver algo de uma das antigas lendas ganhar vida. O estranho tinha ombros imensos, peito largo, manoplas enormes e olhos escuros que pareciam exalar uma frieza invernal. Ele parecia uma estátua de um museu da morte. Totalmente blindado em uma mistura de metais ao mesmo tempo familiares e estranhos. Grande parte era pintada com ouro verdadeiro, embora o metal brilhante estivesse marcado e amassado por mil batalhas. Suas ombreiras eram mais largas do que seus já poderosos ombros, e de cada uma erguia-se uma floresta de espetos. Também havia espetos em seus cotovelos e ao longo de seu broquel e suas grevas e até mesmo saindo de suas botas pesadas. Gravados nas estampas daquela armadura estavam símbolos da morte — crânios e ossos. E seria aquilo um símbolo zakarumita soldado em seu peito? Nas poucas partes de sua pele que eram visíveis, ou seja, o pescoço grosso e a cabeça calva, Jenks viu tatuagens — grosseiras, feias e sinistras.

E suas armas.

Facas com cabos simples — armas que não foram não feitas para cortejar ou se exhibir. E pendurado sobre um ombro musculoso estava o cabo de uma maça que



parecia muito grande, muito pesada para qualquer um manejar em uma luta real. O corpo daquela coisa tinha a forma de um sino sagrado, mas onde deveria estar a boca do sino, havia um aglomerado de espetos afiados como adagas, com dois espetos curvos semelhantes a garras saindo dos canhões, e a bola de ferro na ponta do longo cabo. O próprio fato deste homem carregar uma arma daquele tamanho era assustador. Prometia coisas terríveis.

O estranho — este guerreiro — olhou para a rua principal da cidade. Seu olhar permaneceu apenas por um momento nos rostos das pessoas escondidas atrás de carroças, cortinas ou portas entreabertas. Alguns sussurravam que se tratava de um bárbaro das terras devastadas; outros insistiam que era um druida vindo praticar alguma magia sombria. Em ambos os casos, as pessoas faziam sinais de proteção no ar e murmuravam preces sagradas.

Então seu olhar sombrio moveu-se para o alto campanário da única igreja em Chamado do Santo. Um sino de igreja zakarumita mais antigo que a própria cidade, forjado e abençoado no leste, e trazido para o oeste durante a cruzada. A história contava que sinos como este haviam sido deixados para trás em muitos acampamentos, na esperança de que vilarejos de fiéis se erguessem ao seu redor. Como foi o caso de Chamado do Santo. O sino da torre era o velho tesouro daquele pobre vilarejo, mas com sua presença todos se tornaram ricos em fé. A sombra da torre, com o sol da tarde atrás dela, agora caía ao longo do centro da rua, chegando a centímetros das botas reforçadas em aço do estranho.

Ele se ajoelhou lentamente, tocou a sombra com

os dedos e fechou os olhos por um longo momento. Jenks o viu respirar fundo e expirar antes de assentir com a cabeça para si mesmo. Então o guerreiro levantou e olhou em volta.

“Povo de Chamado do Santo”, disse ele em uma voz que era profunda como um trovão. “Sou Klath-Ulna da Tribo do Urso, meu povo são os Filhos de Bul-Kathos e sou chamado de O Dourado.”

Suas palavras ecoaram de um prédio ao outro, sacudindo as janelas e assustando os pássaros das árvores.

“Procuro algo de grande importância”, continuou ele. “Um sino de ferro naquela torre. Traga-o para mim e eu partirei, e nenhum mal acontecerá a ninguém aqui. Recuse-me ou fique no meu caminho, e destruirei todos que vivem aqui. Todo homem e mulher, até o último bebê. Eu juro.”

Com isso, ele estendeu a mão, pegou o cabo da maça de batalha e balançou para cima e para baixo, de modo que a ponta cheia de espetos perfurasse profundamente a sombra do campanário. O impacto pareceu sacudir o próprio chão. Fissuras em zigue-zague partiam da maça, rachando o solo duro. Jenks ouviu as arquejadas e até os gritos abafados da multidão atenta.

As arquejadas desapareceram no silêncio. Ninguém se mexeu. Nenhuma pessoa se ofereceu para buscar o sino para o bárbaro. Isso encorajou Jenks, pois o fez pensar que toda a cidade poderia se unir e dominar este homem.

O silêncio se estendeu enquanto o bárbaro olhava de rosto em rosto. Ele grunhiu com uma mistura de raiva e nojo.

“Então eu mesmo pegarei”, disse isso e deu um único passo ameaçador para a sombra do campanário. Ele olhou ao redor. “Não há nenhum campeão para me enfrentar? Não há um único lutador neste vilarejo que, pelo menos, prove que há honra aqui?”

Ele ficou lá, segurando a maça frouxamente em uma mão.

O silêncio foi a única resposta.

Jenks viu a boca do homem primeiro se curvar para baixo de decepção e depois lentamente para cima com um prazer sombrio.

“Foi o que pensei”, disse ele, erguendo a maça de batalha. “Entristece-me que não haja mais honra nesta terra. Nenhum campeão. Que pena. Que histórias vão contar quando eu partir? Que mentiras devolverão seu orgulho? Que histórias



"VOCÊ É O MELHOR QUE  
ESTA CIDADE PODE OFERECER?"  
KLATH-ULNA EXIGIU.

fantásticas contarão para os viajantes?"

Ninguém saiu de sua casa ou loja, ninguém ofereceu um desafio. Ninguém se ofereceu para buscar o sino, também. O momento se estendeu mais e mais.

Klath-Ulna cuspiu na poeira.

Jenks deu um grito — agudo como o de um corvo assustado — tropeçou para trás, girou e saiu correndo.



Klath-Ulna não olhou de um lado para o outro, embora pudesse sentir os olhos nele. Ele podia imaginar as palavras sussurradas, os xingamentos, as orações. Eles seriam os mesmos aqui como em outras cidades.

Eram quantos agora? Ele não conseguia lembrar. Alguns foram deixados intactos, mas muitos viraram cinzas. O chão encharcado de sangue, os corpos insepultos e deixados para os necrófagos. Os nomes daqueles vilarejos há muito desapareceram. Ele nunca soube os nomes dos mortos. Eles não eram nada para ele. Nada mesmo.

Este vilarejo não seria diferente.

A igreja se erguia sobre ele, e ele podia *sentir* o sino chamando por ele. Querendo que ele o encontre. Precisando disso.

E então uma figura saiu das sombras densas pelas grandes portas de carvalho, e um feixe de luz do sol atingiu o aço que brilhou como fogo em sua mão.

Klath-Ulna parou ao pé da escadaria da igreja.

Ele esperava que fosse ninguém ou todos. Às vezes era assim. Um vilarejo sem um grande campeão se armava com espadas enferrujadas, forcados e foices. Isso não era nenhuma dessas coisas. Em vez disso, havia um menino no topo da escada. Talvez dezesseis ou dezessete. Não era um homem adulto. Ele usava um capacete

antigo amassado, uma cota de malha enferrujada, grevas descombinadas e um broquel muito pequeno.

E uma espada.

Klath-Ulna se alegrou. A espada parecia boa. Uma verdadeira espada de batalha. Ao contrário do resto do equipamento, a espada era claramente bem cuidada, afiada e lubrificada, mas a lâmina não mostrava marcas de uso — sem amassados ou fendas. Uma espada nova, então. Não testada e imaculada, e nas mãos de um menino.

“Você é o melhor que esta cidade pode oferecer?” Klath-Ulna exigiu.



Enquanto Jenks vestia apressadamente a armadura, ele havia ensaiado o que diria. Ele agora falava alto e claro, mas sua garganta engasgava as palavras em murmúrios sem sentido. Ele engoliu em seco e tentou novamente.

“Sou Jenks Grindelson”, disse ele. “Sou o protetor de Chamado do Santo, e você não pode entrar nesta igreja. Você não pode ficar com o nosso sino sagrado. Vá agora e nenhum mal acontecerá a você.”

Klath-Ulna olhou para ele por três segundos completos antes de jogar a cabeça para trás e rir. Parecia sacudir o mundo inteiro.

O suor — frio e gorduroso de medo — brotou na testa de Jenks. Ele podia senti-lo correndo em linhas geladas pelas costas sob a camisa. Suas mãos estavam tão escorregadias que ele teve que reajustar a pegada. Ele rezou para que o terror que sentia em seu coração não aparecesse em seu rosto.

“Rapaz”, disse Klath-Ulna, apontando para as tatuagens em seu pescoço, “você sabe o que é isso?”

Jenks não confiou em si mesmo para responder.

“São a história da minha busca por outros tesouros como este sino. Cada uma conta a história de vilarejos como este. Vilarejos zakarumitas cheios de fiéis. Cheio de pessoas que acreditavam que sua fé os salvaria.” Ele deu um pequeno passo à frente. “Esses vilarejos são cinzas agora. Aqueles crentes que buscavam abrigo da escuridão nada mais são do que ossos escurecidos encontrados em ruínas. A Luz

não pôde protegê-los.”

O degrau de pedra em que ele estava parecia se inclinar sob os pés de Jenks.

“Alguns eram vilarejos cinco vezes maiores que Chamado do Santo. Alguns vilarejos tinham uma dúzia ou mais guerreiros — combatentes experientes das cruzadas. Eu os deixo vestir suas armaduras e receber bênçãos de seus sacerdotes. Com lanças abençoadas por santos e espadas entalhadas com preces e bênçãos eles me enfrentaram. E eu digo a você, garoto, que isso não os ajudou, pois sou Klath-Ulna, o Dourado. Eu matei todos, e eles eram verdadeiros guerreiros.”

Ele se aproximou e colocou um pé no primeiro degrau.

“E você o que é? Um jovem com uma armadura ruim e uma espada virgem, e sem idade suficiente para limpar o próprio traseiro, muito menos ficar na linha de frente.” Ele balançou a cabeça. “Ninguém mais neste vilarejo tem estômago ou coragem de mostrar a cara, muito menos de me enfrentar. Mas... garoto... você não tem chance. Andei por mil campos de batalha. Atravessei rios de sangue. Mesmo com estas tatuagens para me lembrar, mal consigo contar os vilarejos que destruí, ou o número de pessoas que matei. Mesmo assim... Admiro sua coragem. De verdade. Então, farei isso para honrar a bravura que está lutando para nascer em você, rapaz.”

Em vez de explicar, o bárbaro apoiou a maça contra a parede. Depois, com os olhos fixos em Jenks, ele soltou as tiras de sua pesada placa peitoral. A armadura caiu, mas ele disparou uma mão com rapidez reptiliana e a pegou, depois a baixou até o chão. Ele desafivelou os avambrços pontiagudos dos antebraços e as grevas das canelas. Ele tirou a camisa de algodão e ficou vestindo apenas calças de couro, sapatos e as tatuagens selvagens e dispersas.

“Agora a luta está justa”, disse ele. “Agora você tem chance, garoto. Mas... Ainda vou te dar uma última chance de simplesmente me deixar pegar o sino e viver.” Ele pegou a maça, que de alguma forma parecia ainda mais ameaçadora sem a armadura. “Afastese.”

“Eu... não posso”, disse Jenks, sem força. “O sino vincula nossa Luz. Seu toque afasta a escuridão. É o coração desta cidade.”

Em sua mente, Jenks viu os rostos de seus pais, tios e tias, seus primos — cada membro da família que partiu para a guerra. Era como se, naquele momento, estivessem com ele, conjurados pela necessidade e pela ameaça daquele bárbaro.

E ENTÃO ELE LEVANTOU A MAÇA DE BATALHA E A  
BALANÇOU NA DIREÇÃO DA CABEÇA DE JENKS.  
A ARMA DEVIA PESAR CINQUENTA QUILOS, MAS  
KLATH-ULNA A BRANDIU COMO SE FOSSE UMA  
VARINHA DE SALGUEIRO.

Jenks sentiu a mão do pai em seu ombro. Sentiu o beijo da mãe em sua bochecha. E se aquela mão e aqueles lábios eram frios, não eram mais frios do que o gelo nas veias de Jenks.

*“Ajude-me”, ele implorou em pensamento. “Akarat, guie a espada em minha mão. Dê-me velocidade e sabedoria.”*

O bárbaro preencheu o espaço à sua frente, tão real e mortal quanto todo o ódio e o horror do mundo.

Jenks balançou a cabeça. “Não posso deixar você tirar isso de nós. Não posso.”

“Você precisa”, disse Klath-Ulna. “Não há nada que você possa fazer para me impedir. Não, deixe-me colocar desta forma — não há nada que você possa fazer que importe. Nada do que acontecer aqui será lembrado. Não haverá baladas, nem poemas. Nada. Apenas poeira soprada pelos ventos indiferentes do tempo.”

Jenks queria chorar. Queria gritar. Queria fugir e se esconder.

Em vez disso, com toda a força que pôde evocar, ergueu a espada que nunca havia visto uma batalha, a lâmina que nunca provara sangue.

“Eu não vou permitir”, disse ele. “Se tentar pegar o sino, eu, Jenks Grindelson de Chamado do Santo, vou derrubá-lo. Eu juro.”



Klath-Ulna suspirou.

Na verdade, ele não queria matar o rapaz. Não por pena, pois tinha pouco disso, mas porque a luta não fazia sentido. Este garoto não era nada para ele. Não havia glória em massacrar um jovem sem barba em uma cidade cheia de covardes.

Ele ergueu a maça de batalha e deixou Jenks vê-la. A pesada arma estava coberta de runas. Cada uma estampada com ouro de outro sino que ele havia tirado de uma torre em outro vilarejo zakarumita.

“Eu te ofereci a vida, garoto”, ele disse. “Mas você deseja a morte, e isso você terá.”

Mas foi Jenks quem atacou primeiro.



Jenks sabia que tinha uma chance, e que era a surpresa. Ele girou a espada em um círculo sobre a cabeça e, ao saltar para o degrau mais baixo, golpeou, usando todo o seu peso, o peso da espada e todo o seu medo para desferir aquele ataque.

Klath-Ulna moveu-se com uma velocidade chocante, afastando seu peito nu da lâmina cortante. Mesmo assim, a ponta da espada de Jenks desenhou uma linha vermelha quente da clavícula às costelas. O sangue brotou, vermelho-escuro, à sombra da igreja.

Jenks não ficou parado olhando. Em vez disso, avançou, golpeando repetidamente, esperando acabar com isso depressa, sabendo que não podia arriscar deixar o bárbaro recuperar o equilíbrio.

Klath-Ulna evitou o segundo ataque e usou a parte inferior de seu punho cerrado para desviar o terceiro golpe.

“Você é rápido, garoto.” Ele riu, claramente impressionado. “E você tem coração. Você pode morrer sabendo que tirou sangue, enquanto muitos de seus superiores nunca conseguiram.”

E então ele levantou a maça de batalha e a balançou na direção da cabeça de Jenks.

A arma devia pesar cinquenta quilos, mas Klath-Ulna a brandiu como se fosse uma varinha de salgueiro. Jenks gritou e se abaixou enquanto a enorme maça de batalha rasgava o ar a centímetros de sua cabeça. A arma atingiu a porta da frente da igreja e a partiu em gravetos. Lascas voaram como flechas. Jenks sentiu uma dúzia de pontos de dor e depois o fluxo quente de sangue.

Klath-Ulna girou a maça novamente, desta vez na altura da cintura. Jenks agachou-se como um sapo, depois saltou, apontando a espada para frente.

Ele nunca viu o soco que atingiu seu peito. Tudo o que sabia era que estava voando para trás através da porta em ruínas. Ele atingiu o chão na parte de dentro e

deslizou dez metros. De alguma forma, a espada ainda estava em sua mão, mas seu peito inteiro parecia ter sido esmagado. Ele rolou sobre as mãos e joelhos, tossindo, chocado por ainda estar vivo.

Atrás dele, os restos da porta explodiram quando a maça de batalha golpeou mais uma vez. E então Klath-Ulna estava lá dentro, avançando em sua direção enquanto erguia sua arma.

Jenks lançou-se para a frente, rolando enquanto a maça de batalha esmagava o chão. O impacto mais uma vez ergueu Jenks e o jogou para o lado. Ele caiu em uma fileira de bancos e os derrubou, um após o outro, como se fossem peças de um jogo.

“Akarat, salve-me”, gritou Jenks enquanto lutava para se levantar. Ao ver Klath-Ulna caminhando pelo corredor, Jenks virou e correu.

A porta da torre era robusta, de carvalho pesado com chapas de ferro. Jenks fechou-a e trancou o ferrolho. Dentro havia uma estante com hinários, e ele a empurrou contra a porta.

Então, ele subiu correndo pela escada em caracol, parando em cada andar para jogar móveis escada abaixo. Havia meio barril de óleo para lamparinas e ele o derramou pela escada para deixá-la escorregadia.

A porta abaixo estremeceu ao ser atingida. Uma vez. Duas vezes. E então colapsou para dentro. A madeira quebrada e as chapas de ferro torcidas. Rebites estouraram e ricochetearam nas paredes.

Klath-Ulna abriu caminho e olhou para cima. Por um momento, ele e Jenks se entreolharam. O assassino ainda exibia seu sorriso, mas havia algo diferente nele. Ele estava impressionado com este nível de resistência? Jenks achava que sim, mas isso não serviria de conforto quando estivesse morto.

O bárbaro subiu as escadas, esmagando as frágeis defesas sem pressa. Jenks correu mais e mais para cima e finalmente não conseguiu mais. O sino estava lá. Ferro. Puro. Sagrado.

Jenks colocou uma mão sobre ele. Sua mente se enchia de preces desesperadas.

*“Que a Luz me dê forças. Akarat, fique comigo agora. Preciso de você. Estou dando o meu melhor, mas não posso fazer isso sozinho. Me ajude!”*

Do lado de fora, as nuvens se abriram e um raio de sol puro e limpo descia pelo campanário. Pintou seu rosto e seu corpo com ouro e encheu seu coração com coragem renovada. Ele ajustou sua pegada na espada e a ergueu para que a luz do

sol — a preciosa Luz — tocasse o aço e emprestasse o dom da graça. Jenks sentiu um novo poder em seus braços.

Ele olhou para o sino e chorou: “Juro que não vou deixar ele te levar. Juro pela minha vida.”

Então ouviu passos atrás dele.

Ele se virou enquanto Klath-Ulna pisava na plataforma do campanário.

“Por que você está disposto a morrer para defender este sino?”

“Não é só pelo sino”, protestou Jenks. “Esta é minha igreja, minha fé. Tenho a Luz do meu lado.”

Klath-Ulna abaixou a arma e balançou sua cabeça. “Você não tem ideia de como o mundo funciona, não é, garoto? Você *acha* que sim, mas fé não é o mesmo que conhecimento. Isso é o que há de errado com este mundo. Inocentes como você dispostos a morrer mortes sem sentido. Você acha que por estar na Luz, ela é sua armadura. Você acredita que nasceu para proteger este sino — que é o seu *destino*. Você está cego para a verdade, Jenks de Chamado do Santo. Não consegue ver além do que te ensinaram, e essa é a fenda em sua armadura. Eu sei disso, pois lutei contra muitos — *muitos* — que acreditavam no que você acredita. A Luz não os salvou, e não salvará você agora.”

“Você está mentindo! Eu conheço a verdade. Você é o agente do mal, e eu estou com Akarat. Esta igreja, este sino — são sagrados, e suas mentiras não podem mudar isso.”

“Gosto da sua coragem, garoto”, disse Klath-Ulna. “De verdade. Lutei com campeões e reis com menos coração. Você me lembra alguém — um amigo, um irmão — com quem fui à guerra pela primeira vez. Ele era como você, tinha a coragem de dez homens. Mas, infelizmente... coragem não basta. Pureza de alma não basta. Nada disso salvou meu amigo. Chorei por ele e matei seu assassino. E descobri a crueldade deste mundo e suas falsas crenças em primeira mão.”

Ele fez uma pausa. “Eu não quero te matar. Eu *deveria*, mas faço a mesma oferta. Me dê o sino e pouparei você e o vilarejo. Seu *coração* pode salvar seus amigos e familiares, rapaz, mas preciso do sino. Agora... afaste-se.”

Jenks estava chorando agora, e ele não se importava. Ele levantou a espada mais uma vez.

“Jurei minha vida para proteger Chamado do Santo. Este sino *é* o vilarejo. Se

# EM CADA SOMBRA, ELE VIA OS OLHOS DO MENINO, SENTIA O PESO DA CRENÇA, DO PROPÓSITO.

“você o levar, de que importa minha vida? Sempre serei aquele que falhou com o vilarejo e com minha igreja.” Ele balançou a cabeça devagar e teimosamente. “Você terá que me matar para pegá-lo, e não vou facilitar.”

Klath-Ulna o encarou. “Você até *fala* como meu amigo.”

Havia uma tristeza tão profunda em seus olhos que, por um momento, Jenks pensou que o assassino cederia, viraria e partiria.

No entanto, em seu coração, a dúvida havia sido semeada, e ele podia senti-la criar raízes no solo de sua alma.

“Não”, disse Jenks. “A Luz é pura. É verdadeira.”

A luz brilhava quente em seu rosto; deixava tudo muito claro. Ele levantou a espada acima da cabeça e exclamou uma prece.

Ninguém apareceu para salvá-lo.

Com um suspiro pesado, Klath-Ulna levantou sua arma também.



Klath-Ulna desceu para a rua. Pela primeira vez em mais anos do que conseguia contar, a maça de batalha parecia pesada. Ou talvez fosse seu coração, sobrecarregado pelas lembranças de seu amigo perdido. E pelo que acabara de fazer.

Os espetos de sua maça brilhavam com um carmesim quente. O campanário estava pintado com salpicos de sangue. O garoto morreu bravamente. Ele lutou até o fim, mesmo além do ponto em que sabia que estava morrendo. Com o peito dilacerado e um braço quebrado. Com os ossos da bochecha triturados, um olho cego e o outro enxergando através de um véu vermelho, Jenks lutou. Com a boca cheia de dentes quebrados, ele gritou preces para a Luz e maldições para Klath-

Ulna. Espancado, mutilado e morrendo, ele tentou se manter firme entre o bárbaro e o sino.

Ele morreu, ainda segurando sua espada. Mesmo assim, mesmo enquanto caía e com uma lâmina quebrada, o garoto tentou perfurar Klath-Ulna.

O último paladino de Chamado do Santo estava morto. Klath-Ulna estava sobre ele, observando o peito quebrado subir e descer, subir e descer... e não subir mais. Sua frustração por este combate inútil quase o fez chutar a espada da mão do menino.

Quase.

Em vez disso, o bárbaro permaneceu por um longo momento em uma espécie de vigília. Ele não fazia tal coisa desde que seu amigo perecera há muito tempo. Ele viu a sombra de seu velho companheiro na máscara mortuária de Jenks Grindelson.

“Maldito seja, garoto”, ele respirou.

Então saiu e levou o sino consigo.

Quando ele saiu para a rua, com a armadura afivelada novamente, havia uma dúzia de moradores do vilarejo na praça, cada um deles segurando algum tipo de arma. Eles viram o sino e não viram Jenks, e Klath-Ulna observou como isso mudou seus rostos. Raiva e mágoa, medo e derrota.

Ele caminhou em direção a eles. Quando começaram a cercá-lo, ele simplesmente disse: “Não”.

Só isso.

Eles se afastaram, chorando, e ele saiu de Chamado do Santo.

Nas montanhas, a uma caminhada de meio dia, ele parou onde seu cavalo estava amarrado. Ele removeu um caldeirão que estava pendurado na sela, acendeu uma fogueira e, quando a noite caiu, usou uma lima para abrir buracos para os olhos e uma boca na armadura. Então ele experimentou. O que havia sido um sino para os habitantes do vilarejo serviu perfeitamente como um capacete para ele. Como deveria. Completava toda a armadura que ele usava, e isso era bom. Ele ficou muito tempo parado ao luar. Olhos fechados, braços abertos, punhos cerrados.

Ele retirou a armadura completa do cavalo de carga e a vestiu. Colocou o capacete e ficou pronto para se sentir completo, para sentir o orgulho estrondoso que o guiava por tanto tempo. Este era o ato final de uma jornada que consumiu tantos anos de sua vida.

Mas o capacete pesava sobre ele. Seu orgulho se transformou em melancolia ao pensar no menino. Jenks.

Apesar de ter sido tão enganado por sua crença na Luz, o menino era puro. Verdadeiro. Corajoso.

Klath-Ulna sentiu aquela pureza queimando em sua pele como uma chama. Em cada sombra, ele via os olhos do menino, sentia o peso da crença, do propósito.

Ele virou em direção ao cavalo e, naqueles poucos passos, as peças da armadura soaram estranhas. Era como se cada item tentasse assombrá-lo com um eco de cada sino que ele coletou para forjá-los. Isso o fez parar e até causou calafrios por sua carne.

Ele pegou as rédeas do seu cavalo, mas antes de montar, Klath-Ulna olhou para trás por onde veio. Para Chamado do Santo.

Havia outros meninos naquele vilarejo. Outros jovens crescendo em força e com a pureza de sua crença. Ele se perguntou se os ecos de sua armadura seriam como sinos que os chamariam para a guerra. Ao pegar o sino, ele deu um novo senso de propósito e força para a próxima geração de paladinos? Eles viriam procurá-lo, ou outros como ele?

Sem dúvida.

Ele estava triste por saber que isso não era um mero pensamento. Era uma profecia.

Ele fechou os olhos por um longo instante e depois montou no cavalo, virou a cabeça e partiu para o leste.



*Eu não estava lá, mas já vi essas coisas. Eu, Tejal, sou amaldiçoada com tal conhecimento, tais percepções.*

*Essa batalha não teve um verdadeiro vencedor. Quem diz o contrário não entende como a história se desenvolve ou como funciona o coração humano.*

*Klath-Ulna não venceu aquela luta. O garoto, Jenks, não perdeu.*

*Jenks se tornou uma lenda entre seu próprio povo. Pela forma como ele se posicionou, mesmo tendo morrido, muitos outros jovens de Chamado do Santo*

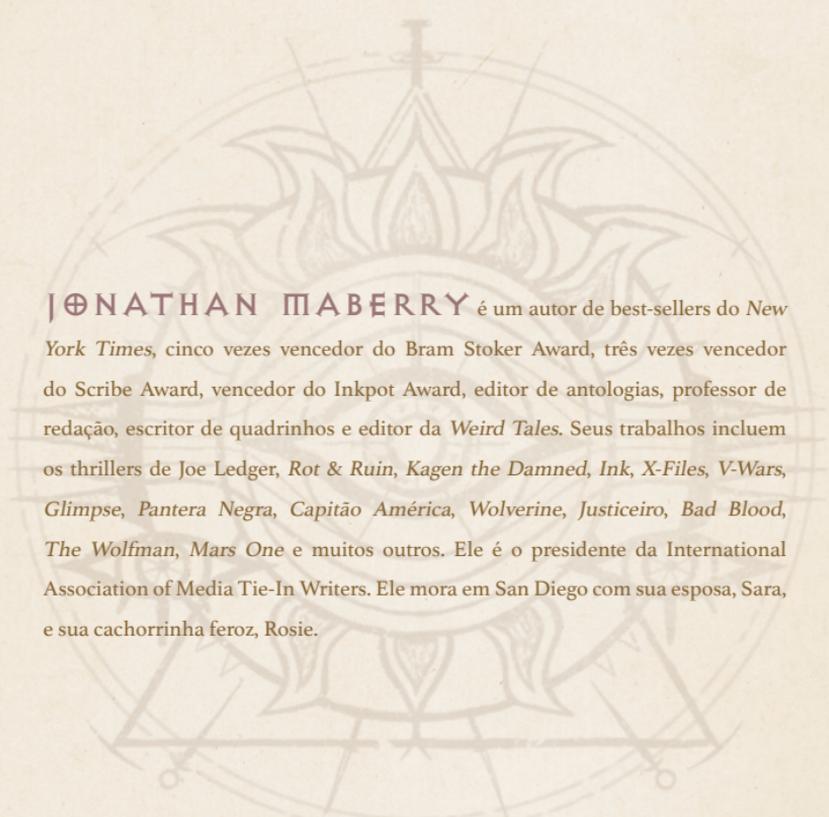
largaram as cartas e os dados e pegaram em espadas. Jenks os ensinou que há muitas coisas pelas quais vale a pena lutar. Até morrer.

Aquelas espadas se erguem até hoje, brilhantes como espelhos no fogo da guerra. Os braços são fortalecidos pela esperança.

Quanto a Klath-Ulna... sua história continua. Rios de ouro — e de sangue — esperam por ele. Mesmo depois de tanto tempo tentando construir uma armadura com os sinos das igrejas de uma fé que deu as costas para ele. Com o capacete completando a armadura, ele acreditava que se sentiria inteiro novamente. Que ele estaria, de alguma forma que nem mesmo ele conseguia articular, em casa.

Mas não há casa para alguém como ele. Nunca haverá. A guerra chama seu nome. O sangue canta por sua alma. A conquista exige sua lealdade. Ele ainda vai derramar muito sangue, mas depois de Chamado do Santo... quem o conhece diz que ele nunca mais foi o mesmo.





**JONATHAN MABERRY** é um autor de best-sellers do *New York Times*, cinco vezes vencedor do Bram Stoker Award, três vezes vencedor do Scribe Award, vencedor do Inkpot Award, editor de antologias, professor de redação, escritor de quadrinhos e editor da *Weird Tales*. Seus trabalhos incluem os thrillers de Joe Ledger, *Rot & Ruin*, *Kagen the Damned*, *Ink*, *X-Files*, *V-Wars*, *Glimpse*, *Pantera Negra*, *Capitão América*, *Wolverine*, *Justiceiro*, *Bad Blood*, *The Wolfman*, *Mars One* e muitos outros. Ele é o presidente da International Association of Media Tie-In Writers. Ele mora em San Diego com sua esposa, Sara, e sua cachorrinha feroz, Rosie.



TEJAL TEM MUITAS  
HISTÓRIAS PARA  
CONTAR. OUTROS  
CONTOS DOS HEDAJI  
CHEGARÃO EM BREVE...